

O QUE PENSAM OS ESTUDANTES DE ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM?

Área Temática: Educação

Adállyda Messias Alves¹

RESUMO: Avaliar as aprendizagens dos estudantes é uma prática histórica no processo de escolarização, seja no nível básico ou superior. A avaliação é compreendida pelas crianças em processo de alfabetização de diferentes maneiras, interessando neste estudo, analisar as percepções de estudantes do 3º ano do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) de uma escola na Cidade de Samambaia – Distrito Federal, acerca da avaliação feita pela professora e suas influências nas visões dos estudantes sobre a escola. A pesquisa de abordagem qualitativa, foi desenvolvida por meio de Estudo de Caso e para levantar os dados utilizou-se questionário para caracterizar os estudantes, a técnica do desenho projetivo e a análise documento do projeto políticopedagógico da escola. Consolidando a presente pesquisa e mostrando que a avaliação dita em documentos oficiais perpassa com outro olhar para as crianças do 3ºano.

Palavras-chave: Avaliação das aprendizagens, processo de Ensino, perspectiva infantil

1 INTRODUÇÃO

Este texto, apresenta resultado de uma pesquisa mais ampla, *intitulada Formação docente e trabalho pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas atuais*, em desenvolvimento desde agosto de 2017, no âmbito do Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (PROIC). O estudo tem como questão norteadora: quais as percepções de estudantes do 3º ano do Bloco Inicial de Alfabetização², de uma Escola pública do Distrito Federal, acerca da avaliação de sala de aula e as influências nas suas visões sobre a escola? E como objetivo geral *analisar as percepções de estudantes do 3º ano do Bloco Inicial de Alfabetização, de uma Escola pública do Distrito Federal, acerca da avaliação de sala de aula e as influências nas visões dos estudantes sobre a escola.*

A pesquisa de abordagem qualitativa, foi desenvolvida por meio de Estudo

¹ Graduanda em pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

² Bloco Inicial de Alfabetização - é uma organização escolar em ciclos de aprendizagem que pressupõe mudanças nas concepções de ensino, aprendizagem e avaliação, e, conseqüentemente, na organização do trabalho pedagógico. A lógica do BIA são as aprendizagens em um processo de progressão continuada. No terceiro ano do BIA admite-se a reprovação, no entanto o processo de avaliação tem a função formativa.

de Caso, e contou com a participação de 16 estudantes do terceiro ano do BIA. Os procedimentos e instrumentos usados para levantar os dados, foram: a) aplicação de questionário para caracterizar os estudantes; e b) contação de história dialogada³, seguida da aplicação da técnica de “desenho projetivo”, que segundo Derdyk (1989) é uma apropriação de significado, que pressupõe processo de vivência de uma realidade ilustrada. As crianças desenharam aquilo que elas conhecem, aquilo que elas sabem, o que faz parte da sua cultura de vivência, de maneira indireta ou direta. Assim, a expectativa é de que por meio do desenho, as crianças pesquisadas expressassem suas percepções acerca da avaliação e da escola. Para isso, a atividade foi orientada no sentido de que as crianças ilustrassem experiências com a avaliação realizada pela professora em sala de aula. A leitura do projeto polítipopedagógico da escola também foi realizada e oportunizou apreender a forma como a avaliação é nele retratada.

O estudo justifica-se pela necessidade de dar voz aos estudantes, isso porque, eles são pouco ouvidos quando o assunto é a avaliação de suas aprendizagens e os objetivos de ensino definidos pelo professor. Parte-se do pressuposto, de que o interesse das crianças do ensino fundamental 1 – alfabetização, pela escola tem relação direta com a forma como elas são avaliadas e com o desempenho escolar esperado delas. Nesse sentido, Pistrak (2000, p. 177), adverte que “o ensino escolar, como se faz normalmente, não é agradável às crianças, não as atrai, não cria nelas uma tendência interior a se formar, sobretudo se não compreendem os objetivos desse ensino.” Acrescenta-se, a relevância de analisar como as crianças compreendem a avaliação do seu desempenho na escola, levando-se em consideração que esta pode influenciar as suas visões acerca da escola: como espaço de aprendizagens ou como espaço de coerção, frustração e medo.

Os 16 estudantes participantes da pesquisa têm entre 7 e 10 anos, sendo que três estudantes cursam o 3º ano pela segunda vez. Três estudantes têm deficiência física, intelectual e superdotação.

³ A história “É futebol ou dever?” Foi criada pela pesquisadora, a partir das observações realizadas em sala de aula da turma participante. Os estudantes foram colocados no papel dos personagens que por meio da contação dialogada e exploração da história resultou nos desenhos que foram usados com a intencionalidade de evidenciar as concepções acerca da avaliação.

2 AVALIAÇÃO VISTA EM NÍVEL TEÓRICO

Avaliar é atitude tipicamente humana e expressa valores, opiniões ou projeções em todos os espaços sociais. No ambiente escolar a avaliação deve ter intencionalidade e ser voltada às aprendizagens dos estudantes. É a intencionalidade do avaliador, o uso que se faz de procedimentos e instrumentos avaliativos que indicam se a avaliação é formativa ou classificatória (HADJI, 2011).

A avaliação está presente em sala de aula e deve orientar a organização do trabalho pedagógico, podendo ser usada de maneira formal, por meio de instrumentos palpáveis e físicos, como provas, exercícios escritos ou de maneira informal, por meio de atitudes, comportamentos e juízos de valor (VILLAS BOAS, 2008). Considerando que a avaliação é inerente ao processo de escolarização, interessa-nos conhecer: como os estudantes a compreendem e expressam por meio de desenhos as suas experiências avaliativas? Quais as influências dessas experiências na forma como eles veem a escola?

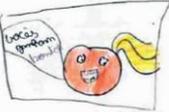
Morales (1998) nos alerta para o fato de que para se desenvolver o ensino é necessário definir objetivos de aprendizagem tendo a avaliação, perpassando todo o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Para isso, necessário se faz expor as bases teóricas e práticas de avaliar, abandonando a ideia que só se faz avaliação por meio de instrumentos pontuais e formais. É preciso recuperar a centralidade das aprendizagens no processo avaliativo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A avaliação formal e informal se faz presentes na sala de aula, é notório que cada uma dessas modalidades, possui suas particularidades em nível teórico, e quando expressadas empiricamente também ganham suas formas. A avaliação formal se consolida fortemente pelos instrumentos utilizados pelo professor e que expressam o resultado esperado dos estudantes. Embora, no BIA a reprovação seja admitida apenas no terceiro ano, ou em caso de o estudante extrapolar o percentual de 25% de faltas, os conceitos atribuídos pela docente participante da pesquisa ganham significados para os estudantes que os compreendem como expressões que carregam significados, no sentido do rumo que tomarão suas vidas, em seus percursos escolares a partir dos resultados do processo avaliativo.

Foi possível apreender que os estudantes demonstram insatisfação sempre que a professora iniciava uma nova atividade na aula, segundo um estudante: “*Sempre que a tia passa alguma coisa, tem tarefa*”; ou ficam chateados por saberem que terá atividade para casa: “*Ah não, dever de casa não. Não passa muito não por favor*”. Eles comemoram ao saberem que seria apenas uma página do livro. O depoimento demonstra que as atividades têm pouco sentido para eles, o que pode fazer com que o processo e o produto do trabalho não favoreçam as aprendizagens, sinalizando que a preocupação muitas vezes da professora é ocupar o tempo das crianças em casa ou mesmo em sala de aula. (VILLAS BOAS, MORATO SOARES, 2013, p. 71).

No projeto político-pedagógico da escola encontramos que avaliar não é medir, quantificar o desempenho dos estudantes. Nas Diretrizes de Avaliação Educacional da SEEDF tem-se que: “Medir é apenas uma pequena parte do processo avaliativo” (DISTRITO FEDERAL, 2014, p. 9). Teoricamente, está explícita a intenção da avaliação voltada à garantia de processos que promovam as aprendizagens. lógica quantitativa predomina, os desenhos das crianças abaixo são elucidativos:

| | | |
|---|--|---|
| <p>Mariana: <i>Vocês ganham pontos!</i></p> | <p>Jorge: <i>Vocês estão sem recreio, o dever está sem capricho.</i></p> | <p>Pâmela: <i>Vocês estão reprovados.</i></p> |
|  |  |  |
| <p>Figura 1 - Espectro visível.</p> | <p>Figura 2 - Espectro visível.</p> | <p>Figura 3 - Espectro visível.</p> |

Amostra de desenho projetivo coletado em pesquisa.

Ao desenhar, Mariana foi instigada a responder como a professora da Entretanto, no dia a dia, os discursos e as práticas vivenciadas pelos estudantes em sala de aula, mostram as contradições entre o escrito/intenção e o feito/prática. A história contada, avaliaria as atividades dos personagens, e como opções dadas: como realização bem feita; com acertos ou erros; possíveis dúvidas, entre outros. Seu desenho remete à sua vivência com a avaliação, a internalização da quantificação, pontuação do desempenho como algo cobrado pela professora. A prática de pontuar as atividades realizadas pode gerar interesse das crianças, mas também gera controle pelo professor. Os estudantes têm essa percepção, mesmo que não consigam expressá-la de uma forma objetiva e ela acaba interferindo nas suas visões sobre a

escola, como espaço em que o trabalho discente tem como recompensa a nota. Uma preparação para o trabalho na sociedade capitalista.

No desenho de Jorge, há a expressão da docente com um olhar marcante para ele, nota-se que os olhos são grandes e inquisidores, característica da avaliação informal. O desenho sinaliza a percepção do estudante de que o olhar e o gesto são negativos e podem sugerir punições, como pode-se apreender da frase escrita pela criança: *“Vocês estão sem recreio, o dever está sem capricho”*. Ou seja, elas compreendem que haverá punição caso a atividade não seja realizada como almeja o docente, e ficar sem recreio, é tudo o que as crianças mais detestam na escola. Nessa perspectiva, a avaliação tem o poder de interferir nos destinos das crianças. Isso ocorre quando a professora usa a avaliação formal – a tarefa que ela considera mal feita; e a avaliação informal ao julgar a atividade com critérios subjetivos e de forma desencorajadora. (VILLAS BOAS, 2008)

No desenho de Pâmela observamos a expressão: *“Vocês estão reprovados”*. Estar reprovada em uma organização escolar em ciclos, expressa as contradições de uma proposta que tem como base a progressão continuada das aprendizagens. No entanto, no 3º ano admite-se a reprovação, e embora o projeto político-pedagógico da escola e as Diretrizes de Avaliação indiquem a função formativa da avaliação, ela ainda tem sido usada como meio de coagir, como mecanismo de controle das crianças, da disciplina e do silêncio em sala de aula.

A avaliação classificatória, incentiva os estudantes a competirem entre si, característica da sociedade capitalista, em que a meritocracia é predominante e denota reconhecimento, prestígio social, titulação, estabelecendo distâncias entre os grupos sociais, pois o valor não pertence somente ao instrumento avaliado, mas também está nas relações, a aprendizagem surge como valor mensurável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos desenhos das crianças participantes da pesquisa possibilitou compreender que a avaliação como elemento da organização do trabalho pedagógico, necessita ser formativa para promover as aprendizagens. Foi possível apreender dos desenhos, que as práticas avaliativas podem influenciar as percepções que as crianças têm acerca da avaliação, da escola e até da professora.

Assim, articulando a temática de educação, destaco a relevância de se discutir como a didática, que tem como objeto o ensino-aprendizagem, pode contribuir para que o processo didático possa ser organizado e desenvolvido dando voz aos estudantes, mesmo aos dos anos iniciais do ensino fundamental. Ainda que, por meio da articulação de extensão, possibilitando ultrapassar barreiras de Universidade e sociedade, assim repensando na formação curricular deste futuro professor e elencando novas metodologias àqueles que já estão inseridos na educação básica, nos anos iniciais. É possível verificar que os estudantes têm muito a nos dizer sobre o trabalho pedagógico e, especialmente, sobre as nossas práticas avaliativas e sobre como elas interferem em suas percepções sobre a escola. E como pode vir a interferir no currículo escolar.

Teoricamente, a avaliação é apresentada no PPP e nas Diretrizes do sistema de ensino como formativa, mas quando nos deparamos com a realidade da sala de aula, ela se deturpa e organiza-se com um novo significado. O desenho projetivo é um recurso que pode expressar as visões dos alunos sobre o trabalho do professor, a escola e a avaliação como categoria central da organização do trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS

- BOAS, B. M.de F, V. ***Virando a escola pelo avesso por meio da avaliação***. Campinas SP: Papirus, 2008.
- BOAS, B, M, de F, V. SOARES, E. R. M. ***Dever de casa e avaliação***. 1º Ed. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2013.
- DERDYK, Edith. ***Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil***. São Paulo, SP: Scipione, 1989.
- DISTRITO FEDERAL. SEDF. ***Diretrizes de avaliação educacional: aprendizagem, institucional e em larga escala***. Brasília-DF, 2014.
- FREITAS, Luiz Carlos. ***Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática***. 7º Ed. Campinas, Papirus, 1995.
- SJ, Pedro Morales. ***Avaliação Escolar, o que é, e como se faz***. 1998, Universidad Rafael Landívar, Vincerrectoría Académica y Programa de Fortalecimiento Académico de las Sedes Regionales – PROSFASP.
- PISTRAK, M.M. ***Fundamentos da escola do trabalho***. Trad. D. Aarão Filho. São Paulo. Expressão Popular, 2000.